

COLÉGIO DA POLÍCIA OU PARA A POLÍCIA?

Brena Dias Bruno

brenadias.bruno@gmail.com

Cyntia Emanuelle Souza Lima

cyntiaeslima@gmail.com

Yasmin Gonçalves

yasmin-goncalves@hotmail.com

Layla Maciel dos Santos

laylamaciel1@hotmail.com

Alessandra Ribeiro da Costa

alessandra.19costa@gmail.com

Universidade Federal do Ceará(UFC)

RESUMO

Este trabalho consiste em observações e vivências expostas pelos presentes autores. Trazendo uma metodologia de relatos de experiências, objetivando expressar nosso entendimento sobre a escola militar, seu funcionamento nas aulas de educação física e o sentimento que ficou marcado nos autores que com a escola tiveram contato. Observando as dificuldades quanto a liberdade dos(as) alunos(as) de viverem sua corporeidade e até mesmo surpresas agradáveis quanto assuntos abordados na escola.

PALAVRAS-CHAVE

Militar, Escola, Educação física

INTRODUÇÃO

No processo de formação à docência no curso de educação física, principalmente durante os estágios, torna-se possível a compreensão e observação de diversas pedagogias e realidades presentes no âmbito escolar. O presente relato tende a discorrer e refletir sobre práticas e situações observadas durante o período de (estágio observacional) e como integrantes do programa Residência Pedagógica. As experiências aqui relatadas, ocorreram no Colégio da Polícia Militar General Edgard Facó, situado no Bairro Padre Andrade, Fortaleza – CE. Prioritariamente entre alunos do Fundamental I, mas também de alunos do fundamental II.



OBJETIVOS

Este relato pretende i) apresentar o contexto no qual alunos(as) do ensino básico se encontram em uma escola militar da cidade de Fortaleza- CE. ii) Perceber e comparar as experiências vividas pelos autores em contrapartida dos saberes adquiridos ao longo da formação. iii) A importância de metodologias diferentes nas escolas, visando significar a práxis.

METODOLOGIA

Nossa experiência na escola da Polícia Militar General Edgard Facó se dividiu em dois momentos: Estágio Supervisionado I (observação) e Residência Pedagógica aliada ao Estágio Supervisionado II (intervenção). Normalmente não seria necessário realizar essa divisão, mas compreendemos de forma clara que foram duas etapas distintas. Estávamos presentes na escola no mínimo por dois dias na semana, realizando trabalhos diretamente com os alunos abordando perspectivas e metodologias diferenciadas das trabalhadas na escola, trazendo saberes transversais e tentando tornar as aulas mais atrativas e com um viés crítico. Neste período anotações dos acontecimentos ocorridos na escola eram realizadas, registrando evoluções e/ou frustrações.

Anotações estas que com sua pertinência se originou este presente relato.

De maneira geral os registros, reuniões e troca de saberes e experiências dentro e fora da escola, nos possibilitou refletir sobre a realidade que estávamos inseridas e formatar estas situações vivenciadas, neste presente relato de experiência.

RELATOS

Tendo em vista o viés militarizado da escola na qual iríamos vivenciar, gerou-se algumas expectativas negativas quanto a proposições de metodologias, temendo um embate com o aspecto militar vigente na escola. Não foi difícil perceber as críticas propostas por Foucault quanto à disposição dos espaços da escola. A ideia de divisão está diretamente ligada a perspectiva de vigilância e controle. Essa disposição faz com que quem está “acima” consiga ver tudo e todos ao mesmo tempo. Claro que essa lógica da pedagogia tradicional não está implicada somente nas escolas militares. É comum escutar sobre as escolas militares, principalmente na atual conjuntura política, de “moral e bons costumes”, na qual estas instituições apresentam disciplina, respeito e tradição, reproduzindo uma formação que promete preparar o(a) indivíduo(a) para os parâmetros sociais e morais esperados. Porém percebemos que a relação de poder instituída causa certo distanciamento, não elevando o aluno a criticidade e reflexão sobre corporeidade, uma vez que desenvolve e condiciona apenas aos aspectos higienistas e positivistas.

Por mais que seja uma escola militar, o corpo estudantil é formado por alunos(as) filhos(as) de militares ou de civis e muitas vezes não querem seguir a carreira militar. Isso nos leva a questionar certas ações e atitudes tais como, o ato de “entrar em forma”, possuírem um sistema de monitores de turma e a realização de alguns deveres, entre eles o de apresentar a turma quando o professor entra em sala de aula. Tais atos são de característica das forças armadas e polícia militar.

Como já foi comentado, nossa presença na escola se deu em dois momentos, estágio observacional e o Programa da Residência Pedagógica, através de intervenções. Ao nos apresentarmos como estagiários, no período observacional, a sensação era de estarmos sempre vigiadas, pelos(as) monitores(as) que ficam em diversos locais da escola, porém ao mesmo tempo ignoravam nossa presença. Parece contraditório, mas gostavam de fingir que não estávamos lá. O contato com as professoras se resumiu em dois dias: o dia inicial que nos apresentamos e o dia final em que pegamos as devidas assinaturas. A nós era dado o local de observação distante, não havia diálogo, nos sentíamos invisíveis, exceto pelos olhos dos(as) alunos(as). O segundo momento, marcado pelo projeto da Residência Pedagógica na escola, foi um momento decisivo. O Programa Residência Pedagógica é semelhante ao estágio, porém traz consigo alguns objetivos específicos. Além de visar construir uma relação mais próxima entre as instituições de ensino e os(as)



residentes, objetiva também fortalecer a prática, utilizando diversas metodologias para tal fortalecimento. Na escola-campo, os(as) residentes são acompanhados por um(a) professor(a), chamado de preceptor(a). Nossa preceptora foi uma das professoras que nos acompanhou no Estágio Supervisionado I, a mesma era responsável majoritariamente pelas turmas do Ensino Fundamental I. Podemos perceber que após o ingresso da Residência Pedagógica a mesma mudou totalmente sua postura, tanto nas aulas de educação física como na sua relação com os(as) bolsistas.

É preciso ressaltar que há um forte tabu quando pensamos em escola militar, pois vem em mente um viés totalmente militarizado, onde há uma hierarquização (realmente existe), conteúdos para realização da prova de concursos militares e o exame nacional do ensino médio (ENEM). Devemos reconhecer que foi possível observar em alguns momentos, dentre eles durante a feira cultural, evento em que todas as turmas trataram de diferentes temáticas, entre elas a homofobia, racismo, entre outros. Isso, nos faz refletir que a coordenação do colégio está tentando ir além das perspectivas de uma educação mais limitada, proporcionando a curto prazo uma educação expandida.

Como nosso objeto principal é a aula de educação física, precisamos falar da mesma. Na disciplina a professora (preceptora), buscava elaborar formas de estimular a participação, corporeidade, criatividade e vivência dos(as) alunos(as). Porém, a mesma se mostrava engessada devido ao método de avaliação que era exigido, segundo ela, pela escola. Com a perspectiva de um viés classificatório e excludente, visando atingir metas a serem alcançadas, testes físicos maçantes e exaustivos que refletiam em um processo de avaliação e recuperação (fim do ano) que tinha um caráter punitivo, constituído por exercícios de força e resistência muscular. Porém, foi relatado por ela, que a escola exigia um parâmetro avaliativo tecnicista, no qual a mesma deveria seguir, mesmo obstinada a mudar esse contexto.

As outras aulas de educação física que presenciamos na escola partiam de um ideal positivista e tecnicista. Nesses níveis de ensino não há vivências lúdicas ou construção de questões reflexivas mediante as práticas realizadas. Há uma forte ausência da criticidade dos conteúdos e das atividades desenvolvidas em quadra. Níveis de ensino em que *seres em formação* não são instigados e estimulados em sua totalidade, autonomia e criticidade, sendo, pois reprodutores da *matriz da sociedade*. Quando falamos da educação física com caráter positivista falamos daquela pela qual o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Defendemos que a Educação Física produz o multiculturalismo de saberes da educação, constituída na Cultura Corporal do Movimento, a disciplina perpassa corpos insólitos resignificando o *ser corpo*. O olhar crítico e reflexivo sob as manifestações corporais revela uma *educação do movimento* baseada na subjetividade e singularidade dos escolares. Compreendemos, então, que os objetivos da Educação Física como disciplina para a formação do(a) aluno(a), está além de práticas exaustivas e exercícios físicos fadigados, além de que, quando se há um planejamento de "aula" com esse viés, nos embasamos em conhecimentos e referenciais teóricos do bacharelado, com foco no treinamento físico, isso nos faz pensar sobre os resquícios deixados pela divisão da licenciatura plena em licenciatura e bacharelado.

Reconhecendo que a Educação Física, hoje, busca fugir do viés positivista e tecnicista que a marcou por tanto tempo, é preciso resignificar as nossas aulas, para que fuçamos de um estereótipo limitado e limitante da importância da educação física escolar. Além de considerar as subjetividades dos(as) alunos(as). É necessário fugir da dualidade cartesiana que aprisiona o(s) corpo(s). A disciplina fabrica corpos submissos e exercitados: corpos dóceis.



POLICE'S SCHOOL OR SCHOOL 'TO' THE POLICE?

ABSTRACT

This work consists of observations and experiences presented by the present authors. Bringing a methodology of reports of experiences, aiming to express our understanding about the military school, its operation in physical education classes and the feeling that was marked in the authors that with the school had contact. Noting the difficulties regarding the students' freedom to live their corporeality and even pleasant surprises regarding subjects addressed at school.

KEYWORDS: *Military, School, Physical Education*

COLEGIO DE LA POLICÍA O PARA LA POLICÍA?

RESUMEN

Este trabajo consiste en observaciones y vivencias expuestas por los presentes autores. Trayendo una metodología de relatos de experiencias, objetivando expresar nuestro entendimiento sobre la escuela militar, su funcionamiento en las clases de educación física y el sentimiento que quedó marcado en los autores que con la escuela tuvieron contacto. Observando las dificultades en cuanto a la libertad de los alumnos de vivir su corporeidad e incluso sorpresas agradables como asuntos abordados en la escuela.

PALABRAS CLAVES: *Militar, Escuela, Educación física*

